

María Luisa
Bombal. A
última névoa e
A amortalhada.
Tradução e
posfácio: Laura
Janina Hosiasson.
São Paulo: Cosac
Naify, 2013, 224 p.

Cristiane Checchia é professora de literatura da Universidade Federal da Integração Latino-Americana (Unila). É graduada e mestre em História pela Universidade de São Paulo e Doutora em Letras pela mesma instituição.

Contato: crishecchia@gmail.com

CRISTIANE CHECCHIA

Em 1940, quando Juan Rulfo era um jovem funcionário do Departamento de Migração na Cidade do México, recebeu a visita de uma chilena que fora regularizar seus documentos: era María Luisa Bombal. Apesar da motivação burocrática do encontro, podemos imaginar que algum tipo de empatia pôde se estabelecer entre ambos, já que ao final da conversa Bombal deixou seu primeiro livro, *A última névoa*, como presente a Rulfo. Passados alguns dias, quando voltou ao escritório para retirar os papéis, Bombal estava acompanhada de uma amiga, a famosíssima Dolores del Río, o que causou enorme frisson nos corredores do Departamento de Migração. Rulfo diria mais tarde que, enquanto todos os seus colegas de escritório ficaram encantados pela beleza da atriz mexicana, ele ficou para sempre fascinado pela prosa da escritora chilena que lhe presenteara nessa ocasião com seu segundo livro, *A amortalhada*.

O crítico argentino Juan Forn¹, comenta esta breve anedota lembrando os diversos pontos de aproximação que podem ser estabelecidos entre Rulfo e Bombal, já que ambos são conhecidos por uma obra bastante sucinta, compostas fundamentalmente por dois livros, nos quais a atmosfera que envolve as personagens borra de modo inquietante as fronteiras que separam o mundo dos vivos e dos mortos, tornando instável e problemática a percepção da realidade.

Apesar dos paralelos que podem ser estabelecidos, a obra de cada um dos escritores amigos é bastante singular e guarda uma série de diferenças entre si, as quais o leitor brasileiro, talvez mais familiarizado com a obra de Rulfo, poderá agora descobrir a partir de nova tradução dos dois breves romances de María Luísa Bombal, *A última névoa* e *A amortalhada*, reunidos em um único volume publicado pela editora Cosac Naify. A edição é

¹ FORN, Juan. El zorro y los murmullos. Página 12, Buenos Aires, 15 nov. 2013. Disponível em: <<http://www.pagina12.com.ar/diario/contratapa/13-233643-2013-11-15.html>>

CRISTIANE CHECCHIA

acompanhada de precioso posfácio da tradutora, Laura Janina Hosiasson, por meio do qual o leitor pode dimensionar a grandeza da obra de Bombal no panorama da literatura chilena e latino-americana, bem como a complexidade e as sutilezas da prosa da autora.

Nascida em 1910, em Vinã del Mar, na província chilena de Valparaíso, María Luisa Bombal publicou o núcleo fundamental de sua literatura ainda bastante jovem: *A última névoa* e *A amortalhada*, até hoje consideradas suas obras mais importantes, datam de 1935 e 1938. Ao longo dos anos 30 e 40 a autora desenvolveu ainda uma produção esparsa de cinco contos: “El árbol”, “Las islãs nuevas”, “Mar, cielo y tierra”, “La história de Maria Griselda”, e “La maja y el ruiseñor”. Em 1947, já radicada nos Estados Unidos, Bombal escreveu *House of Mist*, relato desenvolvido a partir da trama central de *A última névoa*, mas reelaborado para adequar-se às preferências do público de massa estadunidense. A introdução de alguns recursos cinematográficos na narrativa resultou de fato em grande êxito editorial, chamando a atenção para a autora: *House of Mist* foi traduzido a outros idiomas e seus direitos foram comprados pela Paramount Pictures para adaptá-lo ao cinema, ainda que o projeto não tenha vingado². Apesar do reconhecimento de sua obra ainda em vida, consagrada por prêmios literários importantes no Chile, nos anos 70, María Luisa Bombal teve uma vida bastante atribulada, marcada por desilusões amorosas, por uma tentativa de suicídio, pelo alcoolismo, por dificuldades financeiras e pelo enorme sofrimento causado por sentir-se incapaz em dar continuidade à sua literatura.

Em *A última névoa* a protagonista e narradora é uma jovem que acaba de se casar com Daniel, o primo ainda apaixonado pela primeira mulher, que morrera menos de um ano antes. A casa enorme da fazenda do marido é

2 GUERRA, Lucía. Nota preliminar a Casa de niebla. In: *Cuadernos de Literatura*, vol. XVII, n°33, Caracas, jan.jun. 2013, p. 416 e HOSIASSON. Posfácio.

o cenário no qual a personagem assiste seu destino sendo consumido pelo ócio e pela solidão, aguardando sem muita esperança que algo modifique a indiferença não disfarçada do esposo e buscando motivos para continuar vivendo enquanto testemunha o lento envelhecimento de seu corpo. Envolvendo toda a casa, uma névoa persistente, quase uma personagem que participa do relato, interagindo com a protagonista, aumenta a sensação de sufoco e angústia e torna menos claros os limites entre a descrição objetiva do exterior e a subjetividade da narradora.

Por essa breve exposição do argumento de *A última névoa*, podemos nos aproximar do mote central da escrita da autora, preocupada em investigar o destino trágico de mulheres que se perdem no intervalo de incompreensão que as separam de seus maridos e amantes. Nos relatos de María Luisa Bombal, parece haver uma falha geológica profunda que coloca homens e mulheres em plataformas opostas e inacessíveis uma à outra, e entre as quais sempre fracassam as tentativas de estabelecer qualquer ponte de aproximação, de modo que as relações estão fadadas aos desencontros, aos mal-entendidos, às falsas expectativas, a algum lance vão de rebeldia ou à trágica resignação.

Como bem lembra a tradutora Laura Janina Hosiasson, as vidas sem sentido dessas personagens femininas nos remetem ao contexto social das sociedades latino-americanas da primeira metade do século XX, época em que as vidas das mulheres de classe média era pautada ainda pela educação religiosa e pela busca de um bom casamento, ao que deveria se seguir invariavelmente a ocupação com os afazeres do lar e o cuidado dos filhos e netos. As mulheres dos relatos de María Luisa Bombal, contudo, padecem de uma inadaptação crônica a esse roteiro pré-traçado que inunda seu cotidiano de horas viscosas e lentas de tédio.

Alguns leitores poderão lembrar-se das mulheres da classe média carioca dos relatos de Clarice Lispector, que em meio ao seu dia a dia de donas de casa, arriscam-se a encarar uma fresta pela qual se insinua um

CRISTIANE CHECCHIA

mundo que não depende delas, um universo de pulsões desconhecidas que as desorganiza (momentânea ou definitivamente) como sujeitos. Para muitas das personagens femininas clariceanas, o flerte com a loucura (ou com uma excessiva lucidez?) mostra-se como um caminho alternativo à pequena prisão do lar que governam, à sua condição de esposas e mães.

No caso das narrativas de María Luisa Bombal, suas personagens também resistem e estranham o destino que as enlaça, e buscam de algum modo encontrar uma brecha que as coloque em contato com uma vida menos vazia. Ao contrário das personagens de Clarice, no entanto, há nas protagonistas de Bombal ainda algo da crença romântica do grande amor, embora suas esperanças sejam reiteradamente abatidas sob o peso da realidade. Ainda segundo Hosiasson, é nesse limiar entre o romantismo tardio da época moderna e os lampejos de uma nova sensibilidade contemporânea, que María Luisa Bombal, por meio das ambiguidades de suas personagens femininas, investigou os impasses morais de toda uma época.

Em *A amortalhada*, romance que pode ser lido também como um dos pontos altos da tradição da literatura fantástica na América Latina, a protagonista Ana María reexamina seu passado sob a perspectiva da morte. Enquanto seu corpo é velado, o narrador acompanha por meio do uso do indireto livre, essa consciência que se encontra em um ponto intermediário entre o mundo dos vivos e dos mortos, perscrutando o ambiente ao redor e desenrolando as lembranças de cenas vividas com cada uma das personagens que se dirige ao caixão para despedir-se da amortalhada: o primeiro amante; o pai; a amiga; cada um dos filhos; o confidente; o marido; o padre que a acompanhara desde a infância, apesar da relutância de Ana María em aceitar qualquer preceito religioso.

É do ponto final dado pela morte, que a protagonista encontra uma perspectiva privilegiada para continuar buscando algum sentido à sua trajetória, atando os fios de uma “tapeçaria inconclusa”, composta de relatos dispersos, recordações de sentimentos, fragmentos de sensações

e imagens de grande densidade poética: “Reconsidera e percebe que de sua vida inteira só ficam na lembrança, como sinal de identificação, a inflexão de uma voz ou o gesto de uma mão que tece no espaço a escura vontade do destino” (p.143).

Em texto que nesta nova edição ao português foi reproduzido na orelha do livro, Jorge Luis Borges, conta que ao saber pela própria Bombal da trama de *A amortalhada*, tentou dissuadi-la de levar adiante o projeto, que lhe parecia fadado ao fracasso, pelos riscos inerentes de uma narrativa instaurada no lugar intermediário entre o humano e o sobre-humano. Felizmente a escritora ignorou o conselho, e talvez desafiada pela prevenção do grande amigo, apareceu alguns meses depois com o relato concluído, este que agora os leitores brasileiros têm nova oportunidade de conhecer.